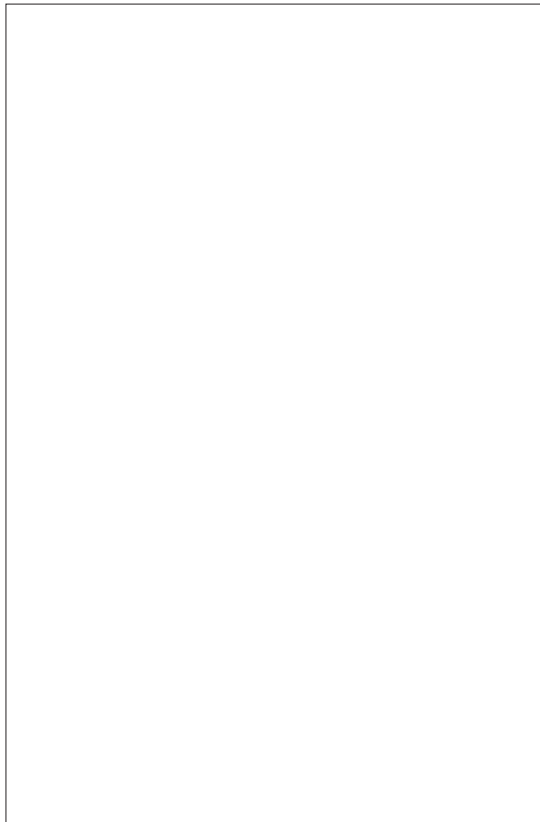


MANUAL DO PROFESSOR

Malala, a menina que queria ir para a escola

Autoria

Fernanda Araújo de Paula (CEDAC)



MANUAL DO PROFESSOR

AUTORIA FERNANDA ARAÚJO DE PAULA (CEDAC)

LIVRO
**MALALA, A MENINA QUE QUERIA
IR PARA A ESCOLA**

AUTORA
ADRIANA CARRANCA

ILUSTRADORA
BRUNA ASSIS BRASIL

CATEGORIA 1
**OBRAS LITERÁRIAS VOLTADAS PARA
OS ESTUDANTES DO 6º E DO 7º ANOS
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

TEMAS
**FAMÍLIA, AMIGOS E ESCOLA;
ENCONTROS COM A DIFERENÇA**

GÊNERO LITERÁRIO
BIOGRAFIA

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Coordenação

Ana Maria Alvares

Revisão

Angela das Neves

Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Paula, Fernanda Araújo de

Manual do professor — Malala, a menina que queria ir para
a escola / Fernanda Araújo de Paula ; CEDAC. — São Paulo :
Companhia das Letrinhas, 2018.

Bibliografia

ISBN 978-85-359-3147-1

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino I. Título
- II. Carranca, Adriana. Malala, a menina que queria ir para a
escola III. CEDAC

18-0982

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Malala, a menina que queria ir para a escola*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. Ele é composto dos seguintes itens:

- 1. A obra e a autora:** informações que contextualizem a obra e dados biográficos da autora.
- 2. Vale a pena ler este livro:** informações e sugestões que visam motivar o estudante para a leitura.
- 3. Este livro na formação leitora dos estudantes do 6º e do 7º anos do Ensino Fundamental:** a relação da obra com os temas propostos, com a categoria e o gênero literário.
- 4. Fazendo a ponte entre o leitor e o livro:** subsídios, orientações e propostas de atividades para a abordagem da obra literária com os estudantes.
- 5. Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho antes e depois da leitura.
- 6. Possibilidade interdisciplinar:** orientações gerais para aulas de outros componentes ou áreas para a utilização de temas e conteúdos presentes na obra, com vistas a uma abordagem interdisciplinar.

Bom trabalho!

1. A OBRA E A AUTORA

A obra *Malala, a menina que queria ir para a escola* é o relato inquietante sobre a vida da corajosa menina paquistanesa alvejada por tiros em 2012, devido ao seu desejo de ter acesso irrestrito à educação.

Filha de um educador paquistanês — Ziauddin Yousafzai, dono de uma escola e oriundo de uma família culta na região do vale do Swat, no Paquistão —, Malala desde cedo fora influenciada a estudar. Ela aprendeu a refletir sobre o mundo ao acompanhar o pai em seus compromissos em prol da educação e da paz. Assim, sentia-se estimulada a acreditar nas inúmeras possibilidades para sua vida: era uma aluna interessada e empolgada, participando ativamente de todas as atividades escolares. Graças à liberdade concedida pelo pai, Malala não tinha receio de expressar seus pensamentos e, com apenas dez anos, já se destacava por sua oratória e suas iniciativas, como a Assembleia de Direitos das Crianças, criada por ela e suas amigas de escola. A menina sempre fez jus ao nome que o pai lhe dera: chama-se Malala em homenagem a uma heroína de seu povo: Malala de Maiwand — poetisa e guerreira pashtun, que ajudara o Exército a vencer uma batalha contra os britânicos.

A vida da família muda completamente quando o regime talibã invade o vale e toma conta de toda a região. Eles, então, precisam lutar pela sobrevivência de seus ideais. O pai não quer que sua escola seja fechada nem que as meninas sejam impedidas de ter acesso a ela. Malala não se conforma com a proibição de frequentar a escola, assistir a seu programa predileto e cantar as músicas de que gosta.

Diante das adversidades, Malala, apoiada pelo pai e sob o pseudônimo Gul Makai, começa a escrever um blog no qual narra os efeitos da guerra sobre sua vida, seu povo e seu país e o sofrimento imposto às meninas ao terem seus direitos suprimidos. Dessa forma, consegue notoriedade tanto em seu país como internacionalmente, já que o blog é publicado pela rede de rádio

e televisão britânica BBC. Mas esse prestígio também lhe trouxe dissabores, ameaças e insegurança, pois seu ato de bravura não seria jamais tolerado pelo regime talibã.

Esse contexto vivido pela menina despertou a atenção da jornalista brasileira Adriana Carranca, que, apesar dos perigos envolvidos numa visita ao vale do Swat em tempos de guerra, viajou até lá para conhecer melhor a história da menina paquistanesa que ousou enfrentar o regime talibã e se posicionar a favor da igualdade de direitos entre os gêneros e da educação para todos.

Adriana Carranca é colunista e repórter especial do jornal *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. Especialista em cobertura internacional, já viajou para vários países, cobrindo guerras, conflitos de diferentes tipos, como os relativos à intolerância religiosa, à condição da mulher e aos direitos humanos. Atua em diferentes frentes de trabalho: além de jornalista, também é escritora e diretora da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. Foi ainda correspondente da ONU, pesquisadora na Universidade de Oxford e integrante de um projeto sobre reportagem internacional, na Universidade Johns Hopkins, de Washington (EUA). Adriana já recebeu importantes prêmios da área de literatura e do jornalismo: Melhor Livro Informativo e Escritora Revelação por *Malala, a menina que queria ir para a escola*, em 2016, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); Troféu Imprensa como Correspondente Brasileira; prêmio *O Globo* por uma reportagem sobre as mulheres no Estado Islâmico e prêmio Líbero Badaró de Jornalismo, em 2013 e 2014, além de ser duas vezes finalista do prêmio Jabuti, o mais importante prêmio literário do país.

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) foi criada em 23 de maio de 1968, no Rio de Janeiro. A fundação é a seção brasileira do International Board on Books for Young People (IBBY), associação internacional que visa promover a leitura entre

os jovens. A missão da FNLIJ é promover a leitura e divulgar o livro de qualidade para crianças e jovens, defendendo o direito de leitura para todos, por meio de bibliotecas escolares, públicas e comunitárias. Para saber mais sobre a fundação e suas ações, visite o site oficial (disponível em: <<http://bit.ly/2JqVJod>>; acesso em: 5 jun. 2018).

Em *Malala, a menina que queria ir para a escola*, Adriana Carranca apresenta ao leitor o cenário em que se desenvolve o conflito experienciado por Malala, além de ensinar sobre a cultura de um povo e relatar os desmandos de um regime por meio da vida dessa menina paquistanesa. As palavras da jornalista vêm acompanhadas de delicadas ilustrações da jovem curitibana Bruna Assis Brasil. A composição das imagens da ilustradora privilegia a mistura de diferentes técnicas, de desenhos a lápis aos digitais, além de colagens, estampas e texturas.

Para conhecer mais sobre Bruna Assis Brasil, que já trabalhou em mais de trinta livros, acesse o site dela (disponível em: <<https://bit.ly/2Mr5tNR>>; acesso em: 14 jun. 2018) e também uma entrevista em que a ilustradora relata seu processo criativo (disponível em: <<https://bit.ly/2LStGLF>>; acesso em: 14 jun. 2018).

Se tiver interesse em saber mais a respeito da autora e também sobre sua experiência ao escrever a obra, recomendamos que assista à entrevista que Adriana Carranca concedeu a Jô Soares (disponível em: <<https://bit.ly/2LLCp2c>>; acesso em: 14 jun. 2018). Outra sugestão é a conversa dela com Drauzio Varella (disponível em: <<https://bit.ly/2MpCnyt>>; acesso em: 14 jun. 2018).

2. VALE A PENA LER ESTE LIVRO

A leitura de uma obra deve ser uma experiência. O livro deve ser o espaço do encontro. Cada página é o lugar em que vejo a mim e ao outro por meio da linguagem, que se torna mecanismo de aproximação. A constituição de uma subjetividade que não se faz no egoísmo, nem no silêncio, mas sim na reverberação dialógica que o texto causa no leitor. E o que temos em *Malala, a menina que queria ir para a escola* é exatamente isso: ambiente acolhedor ao leitor, como um campo imenso de sentidos, em que poderá ouvir as múltiplas vozes, os diferentes discursos sociais que permeiam a biografia da protagonista amalgamada com as experiências vividas pela autora da obra.

Para os conceitos de dialogismo e polifonia, recomendamos a leitura de *A estética da criação verbal*, de Mikhail Bakhtin. A seguir, destacamos um excerto para a reflexão sobre o ato criativo do autor e sua consciência de linguagem ao representar em seu texto o inacabamento da coletividade humana, evidenciando a palavra, o discurso literário que se abre para o outro, convocando-o a um diálogo sobre aquilo que está posto na obra.

Por meio da palavra, o artista trabalha o mundo, para o que a palavra deve ser superada por via imanente como palavra, deve tornar-se expressão do mundo dos outros e expressão da relação do autor com esse mundo. O estilo propriamente verbalizado [...] é o reflexo do seu estilo artístico (o reflexo da relação com a vida e o mundo da vida e do meio de elaboração do homem e do seu mundo condicionada por essa relação) na natureza dada do material; o estilo artístico não trabalha com palavras, mas com

elementos do mundo, com conjunto de procedimentos de enfor-
mação e acabamento do homem e do seu mundo, e determina
a relação também com o material, a palavra, cuja natureza, evi-
dentemente, deve-se conhecer para compreender tal relação.

{BAKHTIN, 2010, p. 180}

O prefácio da autora aguça a curiosidade do leitor porque a lingua-
gem por ela utilizada tem um tom detetivesco, transformando a investiga-
ção jornalística em uma aventura. A jornalista propõe-se a relatar na obra
os desafios, os perigos enfrentados e todas as descobertas que fará em um
local desconhecido. Assim, entrando em um terreno aparentemente inós-
pito, a autora levará os leitores até o vale do Swat. Embora se trate de uma
região em conflito, a repórter lida com essa matéria de uma maneira lúdica
ao tecer associações com grandes líderes da história mundial, como Ale-
xandre, o Grande, e Gengis Khan. Esse modo peculiar de trabalhar com
um tema complexo faz com que a leitura se torne prazerosa, pois aciona
o imaginário do leitor. Adriana ainda apresenta personagens contemporâ-
neos, como Benazir Bhutto e a rainha Elizabeth II, além de personalidades
locais como o príncipe Miangul Adnan Aurangzeb, o general Ayub Khan,
o líder talibã Fazle Hayat (Fazlullah) — conhecido como Mulá Rádio —,
entre outras pessoas que fazem parte da vida de Malala ou que ajudaram a
autora em seu trabalho.

A jornalista também descreve com riqueza de detalhes as paisagens
e os diferentes locais da região, apresentando aos leitores a beleza de cada
ambiente. As ilustrações, em que se fundem fotografias e desenhos, também
auxiliam o leitor a percorrer o vale do Swat e conhecer a vida de Malala.

Adriana Carranca adotou uma estratégia narrativa que gera proximi-
dade com o leitor. Ao apresentar a biografia de Malala, ela inclui um relato
pessoal sobre a experiência de percorrer o vale do Swat buscando informa-

ções sobre a vida da menina paquistanesa. Assim compartilha com o leitor suas curiosidades e possibilita que ele conheça a cultura daquela região com novos olhos, despindo-se de qualquer preconceito para com o povo muçulmano. Ainda que relate um cenário de guerra, Adriana explicita a generosidade que há nos gestos do povo, do príncipe, a preocupação que tinham em protegê-la, a hospitalidade e a força na superação de um momento angustiante para todos. Aos mesclar os relatos em primeira e em terceira pessoa, a autora torna a leitura dessa obra fluida e empolgante. O leitor “colará” em Adriana Carranca em sua incursão pela região e não conseguirá abandonar o percurso da leitura.

A obra *Malala, a menina que queria ir para a escola* coloca os leitores diante de temas universais e importantíssimos para todos: a condição da mulher, o impacto da guerra sobre um povo e uma região, o extremismo religioso e suas consequências, a importância da educação e da garantia da igualdade de direitos entre os gêneros. Não há possibilidade de isenção diante do que é apresentado, e o professor tem em mãos uma obra em que poderá explorar diversos aspectos do mundo contemporâneo. Desse modo, sua leitura torna-se um território do encontro com o outro.

Com relação à alteridade proporcionada pela leitura, Antoine Compagnon (2009) observa:

O próprio da literatura é a análise das relações sempre particulares que reúnem as crenças, as emoções, a imaginação e a ação, o que faz que ela encerre um saber insubstituível, circunstanciado e não resumível sobre a natureza humana, um saber de singularidades. [...] A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio — alguns dirão até mesmo o único — de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão diante de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos. (p. 47)

Assim, a leitura de *Malala, a menina que queria ir para a escola* concede a oportunidade de criar laços de empatia, de identificação com a diferença, seja étnica, cultural, social, religiosa ou outra. Explorar a obra e sensibilizar-se com questões existenciais e éticas, ampliando a competência emocional de todos e também operando com três dos pilares da educação para o século XXI (aprender a conhecer, aprender a conviver e a ser), são chaves para o sucesso de uma formação, não somente literária, mas integral do estudante.

3. ESTE LIVRO NA FORMAÇÃO LEITORA DOS ESTUDANTES DO 6º E DO 7º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Malala, a menina que queria ir para a escola, uma biografia acessível à faixa etária dos estudantes do 6º e do 7º anos, possibilita a reflexão sobre o protagonismo juvenil de Malala, bem como sobre o processo cultural e histórico de seu tempo. Além disso, eles podem aprender sobre a diversidade, a convivência com as diferenças e ainda sobre a importância de lutar por aquilo em que se acredita.

Se no texto ficcional leitor e autor firmam um pacto para o jogo literário, em um texto biográfico há uma verdade ali expressa em que a proximidade não se dá pelo campo da imaginação, mas sim pela identificação com a experiência. Dessa forma, em um tempo da vida estudantil marcado pela descoberta e pelo desenvolvimento do protagonismo juvenil, a leitura desta obra pode inspirar os jovens leitores. Afinal, conhecerão os feitos da garota que se tornou a mais jovem ganhadora do prêmio Nobel da Paz e a coragem da repórter que foi para uma área de conflito entrevistar príncipes e líderes religiosos talibãs.

Sobre o gênero biografia e seu valor literário, Mikhail Bakhtin (2010) esclarece:

O valor biográfico pode organizar não só a narração sobre a vida do outro, mas também o vivenciamento da própria vida e a narração sobre a minha própria vida, pode ser forma de conscientização, visão e enunciação da minha própria vida. [...] Os valores biográficos são valores comuns na vida e na arte, isto é, podem determinar os atos práticos como objetivos das duas; são as formas e os valores da *estética da vida*. [pp. 139-40, grifo do autor.]

Ler uma biografia é a oportunidade de entrar em contato com diferentes consciências e movimentar nossa mente rumo ao diálogo com o outro, manifesto tanto na narração da história da vida do protagonista, como na percepção do autor que recorta o fato e transmite a realidade vivenciada de acordo com sua percepção no momento do acontecimento. Além dessas duas vozes, há diversos discursos na obra, ou seja, o de cada pessoa presente na narração biográfica.

A importância da leitura de *Malala, a menina que queria ir para a escola* reside nessa possibilidade de perceber-se dentro de uma coletividade dialógica: conviver com diferentes representações discursivas da realidade e toda multiplicidade de sentidos presente nela. O estudante, ao experimentar essa leitura, poderá refletir sobre inúmeras questões: Qual o valor da escola para a sua vida? Ele a compreende com tanta importância quanto Malala? O que faria caso não pudesse ir à escola? Em um cenário de guerra e restrições de diferentes tipos, ele seria audacioso e perseverante como Malala, sua família e amigos para lutar em algo que acreditasse? O estudante pode ainda pensar a respeito do valor da amizade e da família e se perceber como sujeito pensante e capaz de compreender a diversidade e a importância do convívio com as diferenças, de maneira respeitosa e igualitária.

A leitura desta obra, com certeza, contribuirá para a formação literária

do estudante, porque ele estará diante de um texto que convoca para a reflexão e também para um posicionamento crítico diante dos dilemas vividos pela protagonista. O leitor deixará seu universo particular para ingressar na coletividade de um mundo distinto do seu e, ao mesmo tempo, tão próximo. *Malala, a menina que queria ir para a escola*, portanto, possibilita que os estudantes desenvolvam competências explicitadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo [...] e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade; Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2017, pp. 9-10.)

4. FAZENDO A PONTE ENTRE O LEITOR E O LIVRO

Há um entre-lugar, isto é, um espaço intervalar entre o leitor e o livro. A fim de superar esse intervalo, ultrapassando a aparente distância entre a obra e o estudante, para então chegar à compreensão da leitura literária, com todas as especificidades dessa linguagem, é essencial que o professor atue como mediador nesse caminho de encontro entre o sujeito e o objeto. Para isso, é importante que você tenha proximidade com a experiência de leitura,

de modo que se coloque como leitor proficiente e apoio para a aprendizagem de procedimentos leitores que auxiliem na compreensão global do texto.

Ao gerir o diálogo formativo e a interação entre os estudantes e o livro, é fundamental a leitura prévia da obra, pois sua função como mediador é a de um condutor, sutil para não interferir na autonomia do estudante como leitor, porém preciso na valorização da experiência e no exercício da sensibilidade e do desenvolvimento da competência leitora, pois:

A literatura é a porta para variados mundos, que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro... Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um. Tudo o que lemos nos marca. Como outros atos de linguagem, a literatura dá existência ao que, sem ela, ficaria no caos do inomeado e, conseqüentemente, do não existente para cada um. Mas — e isso é fundamental — ao mesmo tempo que a literatura cria, ela também aponta para o provisório da criação. (LAJOLO, 2001, pp. 44-5)

É nesse jogo entre a palavra que se lê, se cala e, ao mesmo tempo, convida para a criação, tanto na produção de sentidos como na expansão do imaginário e do conhecimento, que está a importância da formação literária do estudante. A garantia de que isso ocorrerá de forma bem-sucedida passa pela mediação docente. Assim, o primeiro passo para fomentar a leitura é incentivar o prazer que se pode obter por meio dela, da forma mais agradável possível. A prática leitora não pode ser vista pelo aluno como uma obrigação, mas sim como um meio para construir diferentes saberes.

Para incentivar a leitura de *Malala, a menina que queria ir para a escola*, sugerimos a exploração dos elementos paratextuais: título, capa e quarta capa, pois chamam a atenção do leitor no primeiro contato com a obra. Ao apresentar a capa, vale ressaltar a composição feita com fotos da montanha ao fundo e a ilustração da menina no primeiro plano. Feita a observação, pode-se estimular a

curiosidade dos estudantes a respeito do conteúdo que vão encontrar no livro: O que vocês vão ler trata de fatos reais? Ou de fatos inventados pela autora? Após esse levantamento inicial de hipóteses, recomendamos que você leia para a turma o texto presente na quarta capa, pois assim vão perceber que se trata de uma história real. Na sequência, sugerimos dividir o quadro de giz em quatro colunas: “Malala Yousafzai”, “Vale do Swat”, “Talibã” e “Adriana Carranca”. Oralmente, os estudantes devem relacionar palavras presentes na contracapa a esses nomes, de modo que o quadro proposto seja preenchido com elas. Ao final dessa atividade, espera-se que a turma tenha construído um quadro semelhante a este:

Malala Yousafzai	Vale do Swat	Talibã	Adriana Carranca
Escola	Paquistão	Grupo extremista	Jornalista
Boa aluna	Região de extrema beleza	Armados	Visita ao vale do Swat
Nome do pai: Ziauddin Yousafzai	Grandes conquistadores	Vigiavam o vale	Hóspede de uma família local
Defende o que acredita	Guerreiros pashtuns	Regras impostas	Conta a história de Malala
Luta pelo direito de continuar estudando	Povos das montanhas	Proibição de músicas e danças	Conta suas experiências na região
Arma: palavra	Reis e rainhas, príncipes e princesas	Mulheres banidas das ruas	
Atentado		Escola proibida para meninas	
Mais jovem ganhadora do prêmio Nobel da Paz			

Após essa estratégia inicial para aguçar a curiosidade dos estudantes, a leitura do prefácio é muito sugestiva, porque a autora adota um tom de aventura e perigo. Depois, é interessante abrir uma roda de leitura para que eles possam mencionar suas primeiras impressões sobre a obra. Afinal, a mediação da leitura também consiste em dar voz ao educando para que ele construa seu trajeto como leitor. É nessa interação entre a turma que a obra passará a ser viva, uma vez que não será apenas um texto impresso, mas sim um discurso em evidência, capaz de provocar sentidos, instigar inferências, descortinar novas informações contidas no texto e até então desconhecidas. Ou seja, é necessário envolver o estudante na leitura de forma que ele participe ativamente da construção do seu conhecimento, da sua própria aprendizagem.

A leitura compartilhada é uma prática social importantíssima para a formação de leitores e que deve ser feita cotidianamente em sala de aula, uma vez que gera a criação e manutenção de uma comunidade de leitores.

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas. (COLOMER, 2007, p. 143)

Outra atividade de mediação de leitura pode ser baseada nas imagens presentes no livro. Antes da leitura integral da obra, cada estudante, com uma folha de sulfite, deve ocultar o texto escrito e fazer uma observação apenas das imagens. Realizada essa primeira leitura autônoma, você pode solicitar aos estudantes que tentem narrar a história. Se houver tempo, peça que escrevam um roteiro da história, apenas com o apoio das imagens, desenvolvendo assim as competências leitora e de escrita ao mesmo tempo. Por meio da observação das imagens, os estudantes estarão criando hipóteses, inferindo

sentidos, antecipando informações sobre a obra, que podem ou não ser confirmadas à medida que leem o livro.

Um pouco antes de começarem a ler a obra, é interessante ressaltar aos estudantes que, durante a leitura, haverá momentos em que será a própria Malala que conta sua história (em primeira pessoa) e outros em que o relato será de Adriana Carranca, ora em primeira pessoa (narrador-testemunha), ora em terceira pessoa (narrador onisciente, ou seja, aquele que observa tudo e descreve os fatos sem interferir no posicionamento do leitor ante o que é contado). Se necessário, sistematize essas informações no quadro para que os estudantes possam consultá-las durante a atividade.

É recomendável dividir a leitura da obra em blocos, por exemplo:

- **Conhecendo Malala:** sugere-se a leitura oral compartilhada das páginas 8 a 39, em que se introduz a história de Malala. Nessas páginas, o leitor conhece a família da menina, a região onde vive, os costumes e hábitos culturais, sociais e políticos dos habitantes do lugar. Procure cuidar da entonação e do ritmo de leitura para garantir o interesse pelo texto literário por meio da performance de leitura.
- **O conflito e a luta de Malala:** propõe-se a leitura autônoma pelos estudantes das páginas 40 a 56, de modo que cada um sinta a tensão experimentada pela ocupação da região de Malala pelos talibãs e acompanhe a força da protagonista na luta pela garantia de seus direitos. Após essa leitura solitária, a realização de uma roda de conversa é pertinente, para que a turma possa compartilhar suas impressões sobre a obra até esse momento. Para incentivar o diálogo entre eles, podem ser feitas algumas questões: O que pensam sobre o ativismo de Malala? A causa da garota é legítima? O que sabem sobre o regime talibã? Propicie um ambiente amistoso para que os estudantes possam expor seus pontos de vista, contribuindo assim para que desenvolvam comportamentos leitores.

- O atentado e a recuperação de Malala: sugere-se novamente a leitura oral compartilhada, das páginas 57 a 80, agora dividida entre os estudantes — cada um deve ler um trecho.

Segundo Delia Lerner (2002), educadora e pesquisadora argentina, comportamentos leitores são atividades realizadas pelos leitores em seu cotidiano, tanto no âmbito social, como no pessoal, e que devem se tornar conteúdos de ensino. Não são tarefas procedimentais, mas conteúdos que “mobilizam os conhecimentos que já se tem — e que são pertinentes para aprofundar a compreensão — acerca do tema tratado no texto, do autor e de suas prováveis intenções, do gênero, etc.” (p. 61). São exemplos de comportamentos leitores: comentar ou recomendar livros e outras leituras, discutir os sentidos de um trecho, interpretar, fazer indicações de leitura, buscar informações sobre literatura, reler trechos para confirmar hipóteses de leitura, identificar recursos literários empregados pelo autor, inferir o significado de uma palavra com base no contexto ou nos comentários dos colegas, entre outros.

Para ampliar seu conhecimento sobre o conceito de comportamento leitor, recomendamos a leitura da obra *Ler e escrever na escola: O real, o possível e o necessário* (Artmed, 2002). Sugerimos ainda a leitura de uma entrevista em que a autora trata desse tema. Disponível em: <<https://bit.ly/2JSL0rG>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

Os procedimentos recomendados visam tornar a leitura significativa para os estudantes. A leitura em blocos criará a afetividade necessária entre

sujeito e objeto, garantindo o papel da literatura em conceder ao leitor a experiência estética da intimidade, já que eles terão em mãos uma narrativa biográfica de uma pessoa em uma fase da vida muito próxima à dele: a adolescência, com inquietudes, desejos de conquista e aspirações para um mundo melhor.

Todo esse processo contribui para a fruição da leitura, uma vez que o estudante passa a compreender o objeto sobre o qual se debruçará, podendo construir sua capacidade reflexiva e crítica e ampliar suas competências e habilidades. Portanto, a leitura de *Malala, a menina que queria ir para a escola* pode contribuir para a formação literária do educando, em consonância com as diretrizes da BNCC:

Para que a função utilitária da literatura — e da arte em geral — possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor — e, portanto, garantir a formação de — um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. Para tanto, as habilidades, no que tange à formação literária, envolvem conhecimentos de gêneros narrativos e poéticos que podem ser desenvolvidos em função dessa apreciação e que dizem respeito, no caso da narrativa literária, a seus elementos (espaço, tempo, personagens); às escolhas que constituem o estilo nos textos, na configuração do tempo e do espaço e na construção dos personagens; aos diferentes modos de se contar uma história (em primeira ou terceira pessoa, por meio de um narrador personagem, com pleno ou parcial domínio dos acontecimentos); à polifonia própria das narrativas, que oferecem níveis de complexidade a serem explorados em cada ano da escolaridade; ao fôlego dos textos. (BRASIL, 2017, p. 136.)

5. ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Para um trabalho pedagógico bem-sucedido, é necessário um planejamento prévio das aulas, tendo como foco o desenvolvimento da competência leitora e a ampliação da formação literária do estudante. É fundamental lembrar que não será apenas fornecida uma obra para leitura, mas um mundo de conhecimento para que o estudante possa contextualizar a obra e construir seu sentido. Nessa direção, apresentamos a seguir algumas sugestões para o trabalho a ser realizado antes e depois da leitura.

MATERIAL DE APOIO PRÉ-LEITURA

Sugestões para o encaminhamento do trabalho antes da leitura:

- **Roda de conversa sobre o gênero biografia:** proponha um momento de diálogo, privilegiando a oralidade e a interação com a turma, sobre o gênero da obra a ser lida, a biografia. Para sondar se os estudantes já têm familiaridade com esse gênero, vale perguntar: O que é uma biografia? Já leram alguma? Sobre quem se costuma escrever textos biográficos? São ficcionais ou não? Após a conversa, as características do gênero biografia podem ser sistematizadas com a turma. Entre elas, destacamos:
 - Foco narrativo: em geral, as biografias são escritas em terceira pessoa.
 - Tempo: os fatos relativos à vida da pessoa biografada costumam ser apresentados em ordem cronológica.
 - Personagens: geralmente, as obras biográficas têm como protagonista pessoas que se destacaram em suas áreas de atuação.
 - Fatos verídicos: os textos biográficos têm como matéria-prima

fatos concretos e relevantes da vida do biografado. Esses fatos podem ser apresentados de modo documental ou romanceado.

- **Reflexão sobre os discursos de ódio:** reserve um momento da aula para o compartilhamento da notícia “Facção talibã promete novos ataques no Paquistão”, veiculada pela Agência France-Press (disponível em: <<https://bit.ly/2JSL0rG>>; acesso em: 14 jun. 2018). Na sequência, converse com os estudantes sobre discursos de ódio propagados por extremistas nas redes sociais e nos meios digitais. A proposta é que eles reflitam sobre o que fundamenta um discurso dessa natureza. A partir dessa discussão, a obra pode ser apresentada como a história de uma menina que usou positivamente as redes sociais para defender sua causa: o direito à educação. Essa proposta pode auxiliar no desenvolvimento da seguinte habilidade indicada pela BNCC:

(EF69LP01) Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso.

É interessante também conversar com a turma sobre a questão da intolerância religiosa, de forma que todos exponham suas opiniões e falem de suas experiências pessoais com a religião. Nesse momento, a liberdade de expressão dos alunos deve ser respeitada, e o professor deve mediar a discussão para que esse diálogo ocorra de forma tranquila.

Para apoiar seu trabalho com a questão da intolerância religiosa, sugerimos duas leituras:

- Declaração sobre a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância

e Discriminação Fundadas na Religião ou nas Convicções, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1981. Disponível em: <<https://bit.ly/2sWEFwK>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

- “Preconceito, estigma e intolerância religiosa: a prática da tolerância em sociedades plurais e em Estados multiculturais”: artigo de Aurenéa Maria de Oliveira, publicado pela revista *Estudos de Sociologia*. Disponível em: <<https://bit.ly/2t9BPnf>>. Acesso em: 14 jun. 2018.
- **Conversa sobre Malala e a condição da mulher no Paquistão:** sugere-se o compartilhamento de uma notícia (disponível em: <<http://bit.ly/214Y6bC>>; acesso em: 14 jun. 2018) para situar o estudante sobre a atuação de Malala, a protagonista do livro que será lido. O vídeo ainda trata da condição da mulher no Paquistão, possibilitando uma discussão sobre o papel feminino em diferentes países.
- **Malala na internet:** aos dez anos de idade, Malala começou a escrever um blog para relatar as condições de seu país após a ocupação talibã. Sugerimos que se estabeleça um diálogo com a turma sobre esse canal de comunicação digital, muito comum na primeira década dos anos 2000. Outra recomendação, se houver sala de informática na escola, é navegar com a turma no site de Malala (disponível em: <<https://bit.ly/1Zunni9>>; acesso em: 14 jun. 2018), para que possam ver fotos da garota e, com a ajuda do professor de Inglês, saber um pouco mais sobre os trabalhos executados pela fundação que leva o nome da ativista paquistanesa. Vale ainda ler com a turma a notícia sobre a adolescente brasileira que conheceu pessoalmente Malala (disponível em: <<https://glo.bo/2AcwXDb>>; acesso em: 14 jun. 2018).

MATERIAL DE APOIO PÓS-LEITURA

Uma leitura significativa não acaba ao findar a última página ou ao fecharmos o livro. Ela permanece reverberando em nós por muito tempo ou até pela vida inteira.

Malala, a menina que queria ir para a escola não é apenas um livro. É o relato de uma vida em prol de causas humanitárias, porque a liberdade de expressão, o respeito à mulher, o combate ao trabalho infantil e o direito à educação não são questões apenas da protagonista ou dos países muçulmanos, ocupados ou não por extremistas religiosos. São questões mundiais e que se referem a todo e qualquer cidadão consciente.

Para o momento pós-leitura, recomenda-se assistir ao filme *Malala*, distribuído no Brasil pela Fox Film, lançado em novembro de 2015 e aclamado pela crítica. Os estudantes vão se sensibilizar ainda mais com a história dessa corajosa garota e terão a oportunidade de conhecê-la não apenas como ativista política, mas também como uma adolescente comum, que brinca, conversa, ri e quer se sair bem na escola. O filme conta com belas animações, imagens de arquivo e também com depoimentos da própria Malala, de sua família e de seus amigos.

Como incentivo aos estudantes, para que se sintam motivados e também inspirados a se tornar protagonistas desde o início do seu percurso nos anos finais do Ensino Fundamental, indique a leitura do discurso de Malala proferido na ONU em 2013 (disponível em: <<https://bit.ly/1zVhONf>>; acesso em: 14 jun. 2018). São impressionantes e emocionantes a força e a simplicidade com que a menina convoca a todos para a reflexão e a participação na luta pela educação e liberdade.

Sugere-se ainda que você mobilize a turma de forma autônoma e ativa, por meio da seguinte atividade:

- Divida a turma em grupos de, no máximo, cinco integrantes, e solicite a eles que pesquisem na obra frases marcantes sobre a luta exercida pela protagonista.

- Após a seleção, peça aos estudantes divididos nos grupos que, inspirados em tudo que leram, selecionaram e aprenderam sobre as ações da protagonista, produzam suas próprias frases sobre as causas defendidas por ela: todas devem conter verbos no imperativo, que funcionem como um chamamento à reflexão sobre os seguintes motes: liberdade de expressão, igualdade entre os gêneros, extinção do trabalho infantil, acesso livre e irrestrito à cultura e à educação.
- As frases devem ser compartilhadas entre os grupos para uma discussão sobre as colocações de cada um. Nesse momento, coletivamente, pode ser feita a correção ou adequação de cada frase.
- Revisadas e concluídas as frases, proponha que cada grupo produza um cartaz com uma frase, pois eles serão expostos em um mural com o título da obra lida e todas as produções dos estudantes. Dessa maneira, a comunidade escolar pode ser incentivada à leitura da obra e também a refletir sobre os temas propostos nos cartazes.

6. POSSIBILIDADE INTERDISCIPLINAR

ARTE

Entre outras, na BNCC são propostas as seguintes habilidades a serem desenvolvidas na disciplina de Arte:

(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).

(EF69AR06) Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fa-

zendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais.

Tomando como base as habilidades acima e a leitura de *Malala, a menina que queria ir para a escola*, sugere-se a realização de um livro-álbum autobiográfico. Cada aluno deve realizar seu próprio projeto autoral: a confecção de um *scrapbook*. Para isso, podem empregar diversas técnicas das artes visuais, inspirando-se no trabalho da ilustradora da obra.

A atividade pode ser iniciada com uma roda de conversa, para que sejam expostos os objetivos da proposta interdisciplinar. A seguir, tendo o livro *Malala, a menina que queria ir para a escola* em mãos, o professor pode pedir que observem as ilustrações. Na sequência, a turma pode ser questionada se conhece ou se já leu livros compostos somente por imagens e ainda se já fizeram um *scrapbook*. A partir das respostas, o professor deve informar o que é um *scrapbook*: um livro-álbum, em que por meio de fotografias e recortes contamos nossas recordações mais importantes. A proposta, então, será a realização de um *scrapbook* de cada aluno, isto é, uma autobiografia por meio da expressão artística, de forma a dialogar com a leitura da biografia de Malala Yousafzai.

O primeiro passo do projeto é a organização de uma linha cronológica da vida dos estudantes (ano a ano). Para que façam isso, o professor pode sugerir que, em casa, com o auxílio e a autorização dos pais ou responsáveis, eles escrevam um rascunho dos principais acontecimentos de suas vidas e depois selecionem fotografias que possam ser trazidas para a escola, a fim de compor seus livros-álbum.

Após essa seleção, em sala de aula, eles darão início ao processo de criação: devem separar as fotografias que vão colocar em sua autobiografia; as demais servirão como ideia para criarem suas ilustrações. É importante orientá-los a registrar cada fato diversificando as técnicas artísticas (desenhos, colagens, aquarelas, entre outros), e não apenas por fotos.

Observando a linha cronológica, em folhas de papel sulfite ou *canson*, cada estudante começará a contar sua história pessoal por meio de imagens: em uma página, podem desenhar a lápis ou com giz de cera, conforme suas preferências; em outra, utilizar colagens (seja de revistas, jornais ou outros suportes); na outra, podem empregar tinta guache.

Sob a orientação e supervisão do docente, ao término das composições, eles vão organizar as ilustrações criadas e as fotos previamente escolhidas no livro-álbum. Para dar um aspecto de encadernação, podem utilizar um furador e passar uma fita ou uma linha de lã ou barbante, formando assim seus livros-álbum.

Sugere-se ainda que seja feita uma exposição dos *scrapbooks* para que estudantes de turmas de outros anos possam visualizá-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.
- LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.
- LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.